



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
QUEREN JEMIMA CORRÊA BATISTA GASPAR

**USO DE SEGUNDA PESSOA POR FALANTE TUBARONENSE:
ESTUDO DE CASO COM O *YOUTUBER* LUBA DO CANAL LUBATV**

Tubarão
2018



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
QUEREN JEMIMA CORRÊA BATISTA GASPAR

**USO DE SEGUNDA PESSOA POR FALANTE TUBARONENSE:
ESTUDO DE CASO COM O *YOUTUBER* LUBA DO CANAL LUBATV**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Português da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Prof. Dr. Fábio José Rauen (Orientador)

Tubarão

2018

QUEREN JEMIMA CORRÊA BATISTA GASPAR

**USO DE SEGUNDA PESSOA POR FALANTE TUBARONENSE:
ESTUDO DE CASO COM O *YOUTUBER* LUBA DO CANAL LUBATV**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Português da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 4 de dezembro de 2018.

Dr. Fábio José Rauen (Orientador)
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dra. Conceição Aparecida Kindermann (Avaliadora)
Universidade do Sul de Santa Catarina

Me. Suelen Francez Machado Luciano (Avaliadora)
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho ao meu esposo Murilo Tomé Gaspar, por me apoiar intelectualmente, fazendo-me acreditar em meu potencial junto a tantas incertezas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me concedeu força, coragem e capacidade para desenvolver este trabalho. À Professora Patrícia Orlandi e à Professora Suelen Francez, pela orientação na elaboração do projeto desta pesquisa. Ao Professor orientador Fábio José Rauen pela diligência e interesse que me dedicou.

“Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.” (Marcos Bagno)

RESUMO

Neste trabalho, analisa-se o uso de segunda pessoa por falante tubaronense, elegendo como estudo de caso o *youtuber* Luba do canal LubaTV. O trabalho fundamentou-se em estudos de sociolinguística variacionista, entre os quais Labov (2008), Menon (2000), Loregian (1996), Mussalin e Bentes (2001), Orlandi (2004) e Reis (2003). Os dados foram coletados de dez vídeos publicados na plataforma *Youtube* no mês de agosto de 2018, totalizando 1h 58min 32s. Após os vídeos terem sido decupados, procedeu-se ao destaque dos casos de uso de segunda pessoa, incluindo processos de concordância verbal. Os resultados, corroborando o estudo de Orlandi (2004), sugerem que o uso de pronomes e a concordância de segunda pessoa do singular encontram-se em variação com prevalência do pronome ‘tu’ para instâncias distensas e do pronome ‘você’ para instâncias de interação com o interlocutor do canal; uso categórico do pronome ‘vocês’ e respectiva concordância em instâncias de segunda pessoa do plural; e uso de formas do imperativo afirmativo de segunda pessoa em instâncias negativas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação linguística. Uso de segunda pessoa.

RESUMEN

En este trabajo, se analiza el uso de la segunda persona por hablante tubaronense, eligiendo un estudio de caso con el *youtuber* Luba del canal LubaTV. El trabajo se basó en estudios de sociolingüística variacionista, entre los que se incluyen Labov (2008), Menon (2000), Loregian (1996), Mussalin y Bentes (2001), Orlandi (2004) y Reis (2003). Los datos fueron recolectados de diez videos publicados en la plataforma *Youtube* en el mes de agosto de 2018, totalizando 1h 58min 32s. Después de que los vídeos fueron transcritos, se procedió al destaque de los casos de uso de segunda persona, incluyendo procesos de concordancia verbal. Los resultados, corroborando el estudio de Orlandi (2004), sugieren que el uso de pronombres y la concordancia de segunda persona del singular se encuentran en variación con prevalencia del pronombre ‘tu’ para instancias más coloquiales y del pronombre ‘você’ para instancias de interacción con el interlocutor del canal; uso categórico de pronombre ‘vocês’ y respectiva concordancia en instancias de segunda persona del plural; y uso de formas del imperativo afirmativo de segunda persona en instancias negativas.

Palabras-clave: Sociolingüística. Variación lingüística. Uso de segunda persona.

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Títulos, data e tempo de duração dos 10 vídeos selecionados do Canal LubaTV em agosto de 2018..... | 21 |
| Tabela 2 – Frequência e o percentual de uso explícito e implícito de pronomes pessoais singulares de segunda pessoa do caso reto em 10 vídeos do Canal LubaTV de agosto de 2018 | 22 |
| Tabela 3 – Frequência e o percentual de uso explícito e implícito de pronomes pessoais plurais de segunda pessoa do caso reto em 10 vídeos do Canal LubaTV de agosto de 2018 | 26 |
| Tabela 4 – Frequência e o percentual de uso explícito e implícito de pronomes pessoais de segunda pessoa do caso reto em verbos conjugados no imperativo em 10 vídeos do Canal LubaTV de agosto de 2018..... | 28 |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 | REVISÃO DA LITERATURA..... | 12 |
| 2.1 | SOCIOLINGUÍSTICA | 12 |
| 2.2 | VARIAÇÃO LINGUÍSTICA | 14 |
| 2.3 | DIACRONIA E SINCRONIA | 17 |
| 2.4 | O ESTUDO DA CONCORDÂNCIA NO PORTUGUÊS DO BRASIL..... | 20 |
| 3 | ANÁLISE DOS DADOS | 21 |
| 3.1 | PERCURSO METODOLÓGICO..... | 21 |
| 3.2 | ANÁLISE DOS DADOS..... | 22 |
| 3.2.1 | Segunda pessoa do singular | 22 |
| 3.2.2 | Segunda pessoa do plural | 26 |
| 3.2.3 | Verbos no imperativo..... | 28 |
| 4 | CONCLUSÕES..... | 32 |
| | REFERÊNCIAS | 33 |

1 INTRODUÇÃO

Desde que o homem nasce, a linguagem está presente na sua vida. Todo indivíduo sente a necessidade de se comunicar e fazer parte de um grupo de pessoas. E é neste seio social, devido ao uso de um sistema de códigos compartilhados por uma comunidade, que se dá esse processo de comunicação.

Dessa forma, tendo em vista essa relação intrínseca entre língua e sociedade, pode-se, sem dúvida, afirmar que a língua não é estática e homogênea, mas passível de transformações sociais. O homem, por si próprio, utiliza a linguagem como um aparato, para organizar seu mundo e suas relações sociais enquanto sujeito.

Se a língua é uma instituição social, seus falantes são também indivíduos sociais que, por sua vez, possuem características e comportamentos distintos, influenciando no ato da manifestação da linguagem. Ancorados nesses pressupostos, estruturou-se a Sociolinguística.

Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre a língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (BRAGA; MOLLICA, 2010, p. 9).

Dentre as questões destacadas pelos estudos variacionistas no domínio da sociolinguística, destacam-se os estudos sobre uso de pessoas do discurso (e respectivos problemas de concordância verbal). No caso da língua portuguesa, há especial interesse sobre a segunda pessoa, entre outros motivos pela prevalência do uso de ‘vocês’ sobre ‘vós’ e pela competição do uso entre ‘você’ e ‘tu’ no Brasil (por exemplo, LOREGIAN, 1996; MENON, 2000; ORLANDI, 2004).

Orlandi (2004), analisando seis informantes de Tubarão (SC), sugere que, mesmo numa cidade caracterizada pela prevalência do pronome ‘tu’, o pronome ‘você’ já estava em competição. A partir desse estudo, nosso interesse neste trabalho de conclusão de curso é verificar como falantes jovens desta cidade usam a segunda pessoa e, em particular, como esses usos se manifestam em falante que usa a plataforma *Youtube*, restringindo o nosso olhar ao *youtuber* Luba do Canal LubaTV.

O fenômeno dos *youtubers* é característico de nossa contemporaneidade. Segundo Jerslev (2016, p. 1, tradução nossa), o termo se destina a “blogueiros de vídeo (vloggers) que postam vídeos regularmente em seus canais pessoais do *Youtube*”.

Conforme descrição da página, LubaTV é um canal caracterizado por vídeos de entretenimento geral como vlogs, esquetes, desafios e jogos, incluindo a presença de mais pessoas como outros *youtubers* ou seus familiares. O canal também possui vídeos relacionados a assuntos pessoais e seus quadros mais famosos são os “Favoritos do Mês” e o “Ask Luba”¹.

LubaTV é protagonizado por Lucas Feuerschütte, mais conhecido como Luba. Nascido em 15 de maio de 1990 em Tubarão, Luba começou os trabalhos como *youtuber* no ano de 2010 e atualmente é muito conhecido na internet brasileira, sendo considerado um dos maiores nomes do *Youtube* na atualidade².

Considerado esse contexto, o objetivo geral desta pesquisa foi o de analisar, a partir dos conceitos e da metodologia da pesquisa sociolinguística variacionista, o uso de segunda pessoa por Luba em dez vídeos publicados em agosto de 2018 no Canal Luba TV da plataforma de vídeos *Youtube*, partindo da hipótese de que os resultados corroborariam aqueles obtidos por Orlandi (2004).

Postas essas questões, esta monografia será organizada em mais três capítulos, destinados, respectivamente, aos pressupostos teóricos, à análise de dados, incluindo o percurso metodológico da investigação, e às conclusões.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/LubaTV/about/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

² Disponível em: <<https://www.breaktudo.com/conheca-o-luba-lucas-feuerschutte-youtuber-que-bomba-na-web/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo apresenta uma revisão teórica sobre a sociolinguística variacionista e foi dividido em quatro seções. Na seção 2.1 serão apresentados o conceito de sociolinguística, e seu objeto de estudo: a língua em uso. Na seção 2.2 será discutida a questão da variação linguística como um fenômeno universal. Na seção 2.3 serão apresentadas as duas vertentes de estudo, a diacronia e sincronia, pelas quais se pode observar o percurso da língua, suas mudanças e seu funcionamento num determinado momento. Por fim, na seção 2.4, serão mencionados alguns estudos sobre uso de pessoas do discurso no português do Brasil.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA

O termo Sociolinguística, referente a uma área da Linguística, foi instituído em 1964, num congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, do qual vários outros estudiosos, como John Gumperz, Einar Hauge, William Labov, José Pedro Rona, Dell Hymes e John Fischer, também participaram, nas quais posteriormente, também conceberam estudos voltados para questão da relação entre linguagem e sociedade, pela qual se tornaram referências clássicas nessa área (MUSSALIN; BENTES, 2001).

Ainda segundo Mussalin e Bentes (2001), a Sociolinguística é uma área que pertence à linguística e trata, especificamente, das relações entre linguagem e sociedade, já que os seres humanos vivem organizados socialmente sendo detentores de um sistema de comunicação oral, chamado língua. Conforme Silva (2013), a Sociolinguística estuda a língua em uso das comunidades de fala na sociedade, por isso o prefixo “socio”. Assim, a língua não serve apenas como objeto receptor e transmissor de informações, mas também tem a função de estabelecer e manter relacionamentos com as outras pessoas.

Partindo desses conceitos, Bright (1974) elencou alguns fatores socialmente definidos, com os quais se supõe que a diversidade linguística esteja relacionada. Estes fatores podem ser: em relação à identidade social do emissor ou falante-relevante; em relação à identidade social do receptor ou ouvinte-relevante; em relação ao contexto social-relevante; e em relação ao julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento

linguístico e sobre o dos outros, ou seja, sobre as atitudes linguísticas. Nesse sentido, pode-se inferir que esses fatores elencados por Bright explicam e trazem sustentação de como ocorre o comportamento linguístico. Por esse motivo, o autor acrescenta que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é demonstrar que tal variação ou diversidade não é livre, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1974, p. 41).

De modo a complementar, segundo Bagno (2001, p. 43), “a sociolinguística estuda a língua, englobando fatores que constituem um falante (idade, sexo, escolaridade, origem geográfica etc.) e a maneira como ele fala, ou seja, a variedade linguística dele”. Por esse motivo, devido a esse conjunto de variáveis que constituem um falante, não há como engessar a língua, tratando-a como estática, ou algo pronto e acabado. Cabe lembrar que a língua em uso não é uma receita na qual se seguem passos para se chegar a um fim, pelo contrário, ela circula livremente entre os falantes.

[...] A Sociolinguística acentuou ainda mais a inadequação das gramáticas normativas tradicionais, que sempre trataram da língua como ela fosse uma coisa só, um bloco compacto e uniforme, imóvel e imutável. Por isso, fica muito difícil, hoje em dia, aceitar como verdade absoluta as coisas que vêm escritas em livros que se chamam apenas *Gramática da língua portuguesa* (BAGNO, 2001, p. 43, destaque do autor).

Como se pode verificar nessa citação, a sociolinguística vem questionar as gramáticas que tratam da língua enquanto pura, ou seja, que não reconhecem as variantes sociais. Cabe aqui também destacar que, apesar de a sociolinguística estudar a língua pelo viés social, nem sempre esse aspecto foi visto como relevante. Nesse aspecto,

Saussure, em seu *Curso de Lingüística geral*, descreve a língua como um fato social. Apesar disso, não o inclui como variável da linguística ao inferir a homogeneidade como fator predominante para sua descrição. Evidentemente, Saussure reconhecia a mudança linguística, porém, sustentada em suas teorias, era inconcebível estudá-la em curso, ou seja, em seu processo de mudança (SILVA, 2013, p. 14, destaque da autora).

A Sociolinguística veio, então, para mostrar que toda língua é heterogênea, que não há como evitar as suas mudanças e variações, já que ela está à mercê do tempo e da situação social do falante. Cita-se, como exemplo, que um brasileiro nascido e criado no Ceará não terá o mesmo comportamento de fala que um brasileiro nascido e criado no Rio grande do Sul.

Conforme Bagno (2001, p. 42):

[...] Se emprendermos uma grande viagem pelo Brasil, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, recolhendo os modos de falar das pessoas de todas as regiões, de todos os estados, das principais cidades, da zona rural etc., vamos perceber que existem diferenças nesses modos de falar, diferenças que podem ser fonéticas, sintáticas,

morfológicas, lexicais, semânticas, pragmáticas... Há muita semelhança também, mas são as diferenças que chamam mais a atenção e que permitem classificar esses variados modos de falar.

Nesse sentido, a Sociolinguística permite que o pesquisador estude a língua, bem como suas mudanças e variações ao longo do tempo, levando em consideração essas diferenças, ou melhor dizendo, as variáveis que compõem esse processo de comunicação. Logo, é importante compreender que a língua é o retrato da sociedade, não há como evitar seu curso, pois sua dimensão habita no seio chamado tempo, sendo modelada dia após dia, pelos que a contemplam: os seres humanos. Nesse sentido, exemplificar-se-á a sociolinguística como um fluxo contínuo, um sistema flexível e maleável, na qual não apenas se estuda o funcionamento da língua, mas os fatores que a inovam ao longo do tempo.

A fim de concluir essa explanação, dentro da área da Sociolinguística tem-se a variação linguística, a qual será tratada a seguir.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Conforme Fiorin (2004), no século XIX os linguistas ocuparam-se em estudar as transformações pelas quais passavam as línguas, com o intuito de explicar as mudanças linguísticas. Saussure estabeleceu uma distinção entre linguagem, língua (*langue*) e fala (*parole*), situando-as como objeto para seus estudos. Dessa forma, decorre-se uma divisão do estudo da linguagem em duas partes: “uma que investiga a língua e outra que analisa a fala” (FIORIN, 2004, p. 14). Ainda conforme o autor, no início do século XX, Saussure introduziu no *Curso de linguística geral* a distinção entre fatos sincrônicos e diacrônicos, optando pela perspectiva sincrônica, pela qual as línguas eram estudadas sob o ponto de vista que se encontravam num determinado momento histórico, num ponto do tempo.

Na década de 1950, manifesta-se um novo princípio teórico, a gramática gerativo-transformacional, tendo Noam Chomsky como principal nome dessa teoria. Segundo Loregian (1996, p. 7, destaque da autora), “Chomsky retomou a dicotomia saussureana ao opor a *competência* (conhecimento que cada indivíduo possui da língua, sob a forma de um sistema abstrato de regras por ele internalizado) à *performance* (escolha e aplicação dessas regras)”.

Entretanto, na segunda metade do século XX, surge uma nova abordagem sobre esses fenômenos, a Sociolinguística Variacionista, passando a considerar a linguagem em uso, em funcionamento, na qual Willian Labov estudou a língua pelo viés social, crendo que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala. Portanto, a linguística laboviana concentrou seus estudos no que tange à variação e mudança linguísticas. (COAN; FREITAG, 2010). Sobre isso,

A Sociolinguística que Labov propõe é aquela com o propósito de estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica (COAN; FREITAG, 2010, p. 176).

É notável que, diferentemente de Saussure e Chomsky, Labov preocupou-se em estudar a língua num contexto social, a língua enquanto falada pela sociedade, considerando sua heterogeneidade, já que “a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade (é social)” (COAN; FREITAG, 2010, p.175). Para reforçar essa situação,

Todo linguista reconhece que a língua é um fato social, mas nem todos dão a mesma ênfase a esse fato. Quando os linguistas escrevem sobre mudança linguística, encontramos um grau muito diferente de preocupação com o contexto social em que essas mudanças ocorrem. Alguns ampliam sua visão para incluir uma ampla gama de fatos sobre os falantes e seu comportamento extralinguístico, enquanto outros estreitam sua visão para excluir o máximo possível. [...] além disso, aqueles que focalizam a comunicação da informação cognitiva ou referencial tratarão mais do indivíduo, e aqueles que se envolvem com os usos afetivos e fáticos da língua, das questões sociais (LABOV, 2008, p. 302).

Sobre os esforços de Labov, Loregian (1996, p. 8) afirma que

seu foco de interesse não são as formas regulares da língua, mas as variantes- formas alternativas de se dizer a mesma coisa, permitidas pela própria estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos; Labov quer evidenciar que existem regularidades na variação, quer mostrar que esta é sistemática e previsível.

Segundo Braga e Mollica (2010), a variação linguística é um fenômeno universal, que pressupõe heterogeneidade, no que tange às diferentes formas de manifestar a língua, denominadas variantes. Nesse contexto, Mussalin e Bentes (2001) defendem que a variação linguística supõe que qualquer língua apresenta sempre variações, ou seja, nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea.

Para Bagno, Gagné e Stubbs (2002), o estudo da variação linguística nos mostra que a língua é muito rica e fascinante, ao contrário da velha descrição mecânica de conceitos

da gramática tradicional e, principalmente, da distribuição de rótulos de certo e errado para a produção oral dos falantes. Ainda afirmam esses autores que:

Já está mais do que comprovado que, do ponto de vista exclusivamente científico, *não existe erro em língua*, o que existe é variação e mudança, e a variação e a mudança não são “acidentes de percurso”: muito pelo contrário, elas são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas. Além disso, as línguas não variam/ mudam nem para “melhor” nem para “pior”, elas não “progridem” nem se “deterioram”: elas simplesmente (e até obviamente, diríamos) *variam e mudam* (BAGNO; GAGNÉ; STUBBS, 2002, p. 71, destaques dos autores).

Como se pode verificar nessa citação, enquanto falantes e praticantes da língua em uso, não há como incorrer o equívoco de dizer que este ou aquele vocábulo está sendo pronunciado de forma errada. Dentre isso, Mussalin e Bentes (2001, p. 33) destacam que “língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico”.

Assim, numa mesma língua, dependendo do contexto, uma palavra pode ser pronunciada de formas diferentes, para fazer menção a um mesmo significado. Cita-se, como exemplo, o pão d’água falado aqui na região Sul, no Sudeste é falado pão francês. Por este motivo, reitera-se, mais uma vez, que há a necessidade de considerar e reconhecer a diversidade da língua falada. Conforme Bagno, Gagné e Stubbes (2002, p. 72, destaques dos autores),

A língua portuguesa do Brasil, por exemplo, não vai nem bem nem mal, ela simplesmente *vai*, isto é, segue seu impulso natural na direção da variação e da mudança (que insisto, são simplesmente variação e mudança e nada têm a ver com “progresso” ou “decadência”).

Desse modo, a variação linguística permite perceber na língua, constantemente, a existência de pluralidade em suas formas, com um mesmo significado. Essas diferentes formas recebem o nome de “variantes linguísticas”. Tarallo (1986, p. 8) afirma que: “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”.

Logo, é importante compreender que as

variáveis linguísticas se exprimem em função de diversas dimensões, dentro e fora do sistema linguístico: (i) as variáveis internas ou estruturais estão organizadas em grupos de natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica e lexical, e (ii) as externas correspondem a grupos de fatores individuais (sexo, faixa etária, grupo étnico), diatópicos ou geográficos, diastráticos ou sociais (escolaridade, nível de renda, profissão, classe social) e situacionais ou contextuais (estilo: grau de formalidade e tensão discursiva). Num plano diacrônico, a variação linguística se exprime também em função da dimensão histórica (WAGNER, 2004, p. 14).

Nesse sentido, exemplificar-se-á a variação linguística como um time de jogadores, cada um tem a sua posição e uma forma diferente de conduzir-se no jogo, porém todos têm um único objetivo: vencer. Na língua também é assim, cada falante ocupa uma posição no campo linguístico, cada um possui uma forma diferente de falar os vocábulos, mas todos com um único intuito: a comunicação.

Além disso, para complementar o assunto variação linguística, é necessário um pequeno estudo sobre diacronia e sincronia, apresentado na sequência.

2.3 DIACRONIA E SINCRONIA

A Sociolinguística, desde o princípio, considera as relações entre língua e sociedade, refletindo as relações desse fenômeno nas variações da linguagem. (BURGEILE; LIMA, 2016). Desse modo, para Labov (2008), a língua não possui um sistema conexo e regrado, mas se constitui de alterações, variações linguísticas relacionadas ao meio social. Assim, a melhor maneira de entendê-la é concebê-la como um sistema heterogêneo.

Para Borba (1998, p. 47), “a língua se altera, porém pela fala, pelo uso individual; transforma-se através dos tempos porque os falantes introduzem inovações”.

Língua supõe fala e vice-versa. Uma não existe sem a outra, como não podem existir separados os dois lados de uma mesma moeda. Seria melhor então dizer que não são duas coisas diferentes, mas dois aspectos diferentes de uma só coisa. A relação entre ambas se percebe por ser a língua indispensável para que a fala produza seus efeitos, e a fala é necessária para que a língua se estabeleça (BORBA, 1998, p. 47).

A partir dessas colocações, pode-se inferir que a língua possui um percurso dentro da sociedade, sofrendo ajustes e modificações ao longo do tempo, de maneira inescapável. Não há como evitar seu curso, pois a língua em uso são sempre continuidades históricas na qual se modificam de geração em geração (MUSSALIN; BENTES, 2001, p. 33).

Assim, se o tempo é um dos responsáveis pela mudança da língua, consequentemente seu efeito gera variação, que pode ser vista e analisada do ponto de vista diacrônico ou sincrônico. Segundo Orlandi (2004, p. 29), “a teoria da variação analisa a língua num determinado momento, sincronicamente; a mudança da língua, no entanto, só pode ser comprovada com a análise da língua em vários momentos, diacronicamente”.

Segundo Burgeile e Lima (2016), os termos diacronia e sincronia foram inicialmente abordados pelo linguista Ferdinand Saussure, usados na linguística para estudar a língua em diferentes perspectivas, isto é, a perspectiva sincrônica: “um fenômeno de linguagem é dito sincrônico quando todos os elementos e fatores que emprega pertencem a um único e mesmo momento de uma única e mesma língua”; e a perspectiva diacrônica, “quando faz intervir elementos e fatores que pertencem a estados de desenvolvimento diferentes de uma mesma língua” (DUCROT; TODOROV, 1977, p. 141).

Apesar de abordar essas dicotomias, segundo Cabral (2014), Saussure optou pela sincronia, analisando a língua como uma imagem congelada, já que o objeto de estudo de Saussure é homogêneo e autônomo, considerando a *langue* (língua) como um sistema abstrato, em detrimento da *parole* (fala). Nesse aspecto,

Saussure fica então, como já dito, com a sincronia [...]. Neste ponto é preciso repetir um pouco para fazer-se entender: a sincronia, no recorte de Saussure, pertence à língua (*langue*), e o que fica de fora, a diacronia, pertence à fala (*parole*), que é o momento da transição, o que abarca a heterogeneidade (o que será estudado pela sociolinguística, assim como também a sincronia) (CABRAL, 2014, p. 90).

Mediante a isso, percebe-se que Saussure em seus estudos separou a língua da fala, tratando tais esferas como distintas, sendo necessário desagregá-las para defini-las em suas teorias. Em seu *Curso de Linguística Geral*, ele trata da *língua e fala*, como: “o que é social do que é individual, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental” (SAUSSURE, 1971, p. 22).

Porém, na visão de outros estudiosos da língua, essa perspectiva dicotômica da língua apresenta-se de uma outra forma, como aponta Borba (1998, p. 71):

Os enfoques sincrônico e diacrônico, embora tenham traços específicos, não devem ser considerados como coisas separadas. Na verdade, completam-se. A língua não é estática e, portanto, não é uma realidade sincrônica. A sincronia é, então, uma operação abstrativa e, de certa forma, redutora. Por isso deve ser completada pela visão diacrônica.

Desse modo, é possível compreender que os fatos linguísticos contemplam essas duas vertentes, nas quais se pode observar o percurso da língua; suas mudanças e seu funcionamento num determinado momento, à luz dos estudos diacrônicos e sincrônicos. Com base nessas perspectivas, deve-se considerar as variantes envolvidas no processo da linguagem, pois cada falante tem uma característica e possui uma maneira ou preferência ao se expressar. Nesse aspecto,

Em certas condições, o falante usa em determinado momento uma variante, em outro momento outra variante, conforme a situação ou o contexto da fala em que se encontra. Cada variedade é resultado das experiências históricas e socioculturais do grupo que a usa e, para a lingüística, não há melhor ou pior, nem certo ou errado: a variação pode ser sistematizada e reflete a experiência do uso da língua por determinado povo (ORLANDI, 2004, p. 30).

Mediante a isso, nos planos sincrônicos e diacrônicos, observa-se que as variações da língua estão relacionadas a alguns fatores que podem ser “tanto de ordem interna ao sistema (estrutural), quanto de ordem externa: origem geográfica, idade, sexo, escolaridade do falante, dentre outros fatores” (WAGNER, 2004, p. 34). Ainda segundo a autora, cabe salientar que os falantes adquirem as variedades lingüísticas próprias da sua região, sua classe social etc.

Dessa forma, esta pesquisa perpassa pela perspectiva sincrônica, na qual a língua pode ser observada a partir das seguintes classificações:

- variação diatópica: é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de”, e de TÓPOS, “lugar”.
- variação diastrática: é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais. O adjetivo provém de DIÁ- e do latim STRATUM, “camada, estrato”.
- variação diamésica: é a que se verifica na comparação entre língua falada e a língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego MÉSOS, “meio”, no sentido de “meio de comunicação”.
- variação diafásica: é a variação estilística, [...] isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego PHÁSIS, “expressão, modo de falar (BAGNO, 2007, p. 46-47, destaque do autor).

É nesse contexto, sustentado nessas teorias, que será feita a análise da concordância verbal em relação ao pronome, pela qual permeiam essas variantes lingüísticas, correspondendo algumas formas de uso: *tu foi*, *tu foste* ou *tu fosse*, por exemplo.

Vale ressaltar que o objetivo no presente estudo não é rotular tais formas de uso do pronome *tu*, como certo ou errado, a intenção aqui é perceber como essas expressões são concebidas e percebidas em seu uso, levando em consideração que “as mudanças não são imediatamente sentidas pelos falantes, ou os falantes não estão necessariamente conscientes de tais mudanças. E isso se deve a alguns fatores, pois as mudanças são lentas e graduais [...]” (ORLANDI, 2004, p. 32).

Nesse contexto, torna-se relevante destacar alguns estudos variacionistas no português do Brasil, especialmente sobre o uso da segunda pessoa do discurso.

2.4 O ESTUDO DA CONCORDÂNCIA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

O estudo da concordância verbal, junto aos conceitos de variação linguística, já foi tema de alguns trabalhos aqui no Brasil, principalmente na região sul, tais como Loregian (1996), Menon (2000), Orlandi (2004) e Reis (2003).

Loregian (1996) analisou um total de 2100 ocorrências, retiradas de 72 entrevistas, sendo que a proposta era desenvolver uma análise descritiva da concordância verbal com o pronome *tu*, na fala de moradores do Sul do Brasil. Esta pesquisa seguiu a metodologia proposta por Labov e constatou diversas variantes, conforme as hipóteses propostas no início do trabalho da autora, tais como os utilizados com marca morfológica, com verbos oxítonos etc.

Menon (2000) fez uma discussão sobre a alternância e/ou substituição no uso dos pronomes de 2ª pessoa *tu* e *você* no português do Brasil, analisando, para tal, o texto escrito “Vinhas da Ira”, constatando que há variantes conforme o pronome utilizado.

Orlandi (2004) verificou se as hipóteses e os fatores considerados na pesquisa de Loregian (1996), em sua análise na região sul do Brasil, eram significativas também para a região de Tubarão, sendo que esta foi comprovada pela análise das falas das amostras coletadas, constatando que o uso do pronome *tu* está em variação também nesta região. Nessa pesquisa, Orlandi analisou uma amostra de seis informantes, com sexo e escolaridades diferentes, porém com a mesma faixa etária. Desta amostra, a autora conseguiu analisar 142 dados, por fim, concebendo que a língua é uma atividade social, que possui normas que variam de indivíduo para indivíduo, conforme sua comunidade linguística. Vários fatores linguísticos e extralinguísticos tiveram semelhança com a pesquisa de Loregian neste trabalho, o qual fez uma análise qualitativa e quantitativa.

Reis (2003) estudou os atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo em português, com atenção especial à variação linguística, que se exprime em função da sua dimensão estilística. Nesse contexto, ela discute possíveis condicionamentos pautados nesta dimensão da variação, que possam interferir no uso alternado de uma ou de outra variante desse modo verbal – forma indicativa (*canta*) ou subjuntiva (*cante*) –, pelo falante de português.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem por objetivo analisar os dados coletados a partir dos vídeos publicados no canal LubaTV da plataforma *Youtube* no mês de agosto de 2018. O capítulo foi dividido em duas seções. A seção 3.1 tem por objetivo apresentar os procedimentos metodológicos que envolveram a coleta dos dados. A seção 3.2 tem por finalidade apresentar a análise dos dados em termos do uso de segunda pessoa do singular, do plural e do modo imperativo afirmativo e negativo.

3.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Para dar conta do objetivo da pesquisa, foram realizadas as seguintes etapas. O primeiro procedimento foi o da coleta de vídeos publicados no canal LubaTV da plataforma *Youtube* no mês de agosto de 2018, totalizando 1 hora e 58 minutos e 32 segundos. Na tabela 1, a seguir, apresentam-se os títulos dos vídeos, a data de publicação, e a duração de cada vídeo expressa em minutos e segundos.

Tabela 1 – Títulos, data e tempo de duração dos 10 vídeos selecionados do Canal LubaTV em agosto de 2018

| <i>Título do Vídeo</i> | <i>Data</i> | <i>Tempo</i> |
|---|-------------|---------------|
| Dizendo adeus... | 03/08/2018 | 11:03 |
| O dia em que eu fui clonado- Turma- feira #23 | 04/08/2018 | 11:26 |
| Desafio da Coreografia (ft. Fernanda Souza) | 06/08/2018 | 10:47 |
| O que aconteceu com meus fãs? Turma-feira #24 | 18/08/2018 | 09:17 |
| Gastei R\$120,00 nisso... (Comprinhas de Londres) | 19/08/2018 | 11:35 |
| Rir, tente não- OSHI #010 | 20/08/2018 | 10:18 |
| Usar saia é Top | 25/08/2018 | 17:51 |
| Reagindo a pessoas que não me beijariam | 26/08/2018 | 11:52 |
| A despedida | 28/08/2018 | 12:26 |
| Como treinar seu unicórnio- Turma-Feira #026 | 31/08/2018 | 11:57 |
| Total | | 118:32 |

Fonte: Disponível em <www.youtube.com/user/LubaTV>. Acesso em: 10 set. 2018

O segundo passo foi a decupagem dos vídeos. Neste processo, transcreveram-se integralmente todas as interações verbais do *youtuber* e, conforme o caso, de seus convidados. Após os vídeos terem sido decupados, procedeu-se ao destaque dos casos de uso de segunda pessoa, incluindo processos de concordância verbal.

Em seguida, cada um desses casos foi registrado numa tabela em *Word* contendo duas colunas. Na primeira coluna, destacou-se cada um dos casos de usos de pronomes e verbos; na segunda coluna, destacou-se a data de cada vídeo, como forma de recuperar a origem dos dados. Como critério de arranjo inicial dos dados, as instâncias de uso de pronomes pessoais elípticos em verbos no imperativo foram antecidas de cerquilha ‘#’ e pronome entre colchetes ‘[tu]’, ‘[você]’ ou ‘[vocês]’, conforme o caso. Essa tabela viabilizou o rearranjo dos dados conforme os objetos de interesse da pesquisa mediante o uso da ferramenta ‘classificar’ do *Word*. É a partir dos dados rearranjados desta tabela inicial que foram elaboradas as três tabelas que compõem a análise dos dados da seção seguinte.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

3.2.1 Segunda pessoa do singular

Na tabela 2, a seguir, apresentam-se a frequência e o percentual de uso explícito e implícito de pronomes pessoais singulares de segunda pessoa do caso reto.

Tabela 2 – Frequência e o percentual de uso explícito e implícito de pronomes pessoais singulares de segunda pessoa do caso reto em 10 vídeos do Canal LubaTV de agosto de 2018

| <i>Pronome</i> | <i>Explícito</i> | | <i>Implícito</i> | | <i>Total</i> | |
|----------------|------------------|---------------|------------------|---------------|--------------|---------------|
| | <i>f</i> | <i>%</i> | <i>f</i> | <i>%</i> | <i>f</i> | <i>%</i> |
| Tu | 54 | 59,34 | 111 | 80,43 | 165 | 72,05 |
| Tu/Você | - | - | 14 | 10,14 | 14 | 6,11 |
| Você | 37 | 40,66 | 13 | 9,43 | 50 | 21,84 |
| Total | 91 | 100,00 | 138 | 100,00 | 229 | 100,00 |

Fonte: Elaboração própria (2018)

Nesta tabela, observa-se que o uso do pronome ‘tu’ (72,05%) prevalece sobre o pronome de tratamento ‘você’ (21,84%), considerando (6,11%) de casos de ambiguidade. Além disso, observa-se que somente 54 casos de uso do pronome ‘tu’ foi explícito contra 111 casos de uso implícito. No caso do pronome ‘você’, isso se inverte, uma vez que se encontram 37 casos de uso explícito contra 13 casos de uso implícito. Esses resultados são mais modestos do que aqueles apresentados em Orlandi (2004, p. 59): 73% de uso explícito do pronome ‘tu’, 8% de ‘você’ e 18 de ausência de marca pronominal³.

Nesse contexto, é relevante destacar que o uso do pronome ‘tu’ predomina na fala do *youtuber* apesar de existir competição entre os dois pronomes na região de Tubarão (SC). Esse resultado corrobora a hipótese de Orlandi (2004), segundo a qual, pelo fato de a região sul de Santa Catarina estar situada no litoral do sul do Brasil, a tendência dos falantes é a de utilizar a forma pronominal ‘tu’.

Além disso, percebeu-se que quando o *youtuber* produz uma informação nova, o pronome ‘tu’ geralmente aparece marcado, sendo dispensado logo em seguida. Para esclarecer essa afirmação, destacam-se alguns trechos (observe a ausência de concordância):

Tu fala pra ela assim ó... assiste esse vídeo ó... nossa coreografia.
 Tu viu a cadeira? A cadeira se rebelou contra ela, bem aqui, olha ali, olha ali.
 Tu ainda tá rindo? ainda tá rindo... ele ainda tá rindo!
 É meio que no subsolo...nossa! tu olha que loucura cara, parece que eu tô num filme de terror sabe?

Por outro lado, percebeu-se que *youtuber* utiliza o pronome ‘você’ quando dirige-se aos ouvintes do canal e utiliza o pronome ‘tu’ ao interagir com alguém que está próximo dele durante as gravações (familiar, amigo, assistente). Sobre isso, Orlandi ressalta que

o falante usa em determinados contextos uma forma e a outra forma em um contexto diferente, mesmo que ele não consiga controlar essas variações, mesmo que seja um ato inconsciente. E é isso que caracteriza realmente a fala, um tipo de liberdade para o falante. Essa “liberdade” deve ser investigada, a fim de comprovar em quais contextos uma forma ocorre mais que a outra (2004, p. 16, destaque da autora).

O aspecto de o falante usar uma ou outra forma pronominal durante as interações foi também observado por Bright (1974), segundo o qual o comportamento linguístico está

³ Mussalin e Bentes (2001, p. 219), explicam que “segundo nossas gramáticas normativas, em língua portuguesa, o uso de sujeito pronominal explícito pode ser dispensado uma vez que as marcas de flexão do verbo já identificam a pessoa do discurso, [...]”.

relacionado, entre outros, a fatores sociais. Conforme Mussalin e Bentes (2001), a situação ou o contexto social

[...] é um fato muito conhecido que qualquer pessoa muda sua fala, de acordo com o(s) seu(s) interlocutor(es)-se este é mais velho ou hierarquicamente superior, por exemplo-, segundo o lugar em que se encontra- em um bar, em uma conferência- e até mesmo segundo o tema da conversa –fococa, assunto científico. Ou seja, todo o falante varia sua fala segundo a *situação* em que se encontra (2001, p. 36, destaque das autoras).

Sobre essas afirmações, Braga e Mollica (2010, p. 9) afirmam que

No sul do país o pronome ‘tu’ é o tratamento preferido quando o falante interage com o ouvinte encontrando-se em menor escala em outras regiões e evidenciando uma diferenciação geográfica, em que os pronomes de tratamento distribuem-se em sistemas variacionistas diferentes.

Ainda em relação ao pronome ‘tu’, constatou-se ausência da marca de flexão verbal na fala do *youtuber*. Para ilustrar essas afirmações, elencam-se alguns casos em que aparecem essas variantes:

Mateus, porque que tu tá acordado?
Agora tu faz um!
Não sei se tu percebeu, mas falta um pouquinho aqui.
De novo tá focando em ti e tu tá mostrando só o cabelo.
O que que tu tá fazendo da tua vida?
Se tu não fosse corrê eu não ia me senti culpado.
Comesse?

Pela gramática tradicional, essas formulações estão incorretas, pois não apresentam marcas de flexão verbal, ou seja, os verbos não concordam com o pronome de segunda pessoa do singular⁴.

Nesse caso, construções do tipo “tu viu a cadeira?” podem ser justificadas pela competição entre o pronome ‘tu’ e ‘você’, já que este último concorda com a terceira pessoa do singular. Menon (1995) destaca que historicamente a forma ‘você’, originou-se de uma locução nominal (*Vossa mercê*), passando por um processo de modificação fonética e de valor social, mudando de *nome* para *pronome*. Nesse caso, se o novo pronome passou a ocupar a segunda pessoa do singular, seria esperado que ele também concordasse a forma verbal de segunda pessoa. Porém isso não aconteceu, pois mesmo com sua gramaticalização, o pronome ‘você’

⁴ Para Faraco e Moura (2000, p. 538) a concordância ou a flexão, “é a igualdade de gênero e número entre substantivo e adjetivo, artigo, numeral, pronome e igualdade de número e pessoa entre verbo e sujeito”.

concorda com a terceira pessoa do singular. Paralelamente, um falante que utiliza o pronome ‘tu’, passou a produzi-lo também combinando com forma verbal de terceira pessoa.

Quanto a isso, Menon ainda ressalta que

os falantes “interiorizam” a forma verbal com morfema \emptyset como a marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome. Assim, no paradigma verbal já teria havido a mudança de forma e a variação continuaria a existir a nível de escolha – determinada pelo dialeto que o falante utiliza – entre dois pronomes possíveis: *tu* ou *você* (1995, p. 97, destaques da autora).

Orlandi (2004) também observa que a marcação de concordância verbal de segunda do singular não é comum na fala dos tubaronenses. “Mesmo utilizando este tipo de pronome de segunda pessoa do singular, os falantes não marcam a flexão verbal, ou seja, é mais fácil encontrarmos casos de *tu foi*, por exemplo, *que tu foste*” (p. 59-60).

Cabe destacar que o uso dessas variantes não prejudica a função informativa no processo de comunicação, pois o uso de uma ou outra forma verbal, não altera o valor semântico da sentença. Nesse sentido cabe salientar que

a concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência de marca de concordância (BRAGA; MOLLICA, 2010, p. 11).

A sociolinguística direciona seu olhar para questões como essas, estudando a língua e considerando a diversidade linguística que a envolve. Ela concebe o uso dessas alternâncias (variantes) como um fato natural da língua, que, por outro lado, são estereotipadas como erradas e impróprias pela sociedade. Quanto a isso, Reis (2003, p. 17) acrescenta que “as formas variantes estariam, assim, a serviço da maneira como o falante precisa apresentar a informação para o seu ouvinte, levando em conta o tipo de situação comunicativa”. É por esse motivo que há divergências entre as gramáticas normativas e as teorias sociolinguísticas. Enquanto as primeiras preocupam-se com os aspectos da língua escrita sem considerar a fala, as últimas interessam-se “[...] pelos dialetos sociais ou registros, procurando caracterizá-los e compreendê-los dentro de um estatuto social” (BORBA, 1998, p. 80).

Dessa forma, cabe a pesquisas como esta estudar a língua a partir de uma perspectiva social, pois ela é propriedade da sociedade não a sociedade propriedade dela, já que ela só existe porque há falantes que a usam. Em outras palavras, “[...] ‘a língua’ como uma ‘essência’ não existe: o que existe são seres humanos que falam línguas, “os indivíduos que

constituem o todo da população” (BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2002, p. 23, destaque dos autores).

Nesse contexto, para complementar nossa análise, apresentam-se a seguir os resultados no que tange o uso da segunda pessoa do plural.

3.2.2 Segunda pessoa do plural

A tabela 3, a seguir, apresenta os resultados do uso explícito e implícito de pronomes pessoais plurais de segunda pessoa.

Tabela 3 – Frequência e o percentual de uso explícito e implícito de pronomes pessoais plurais de segunda pessoa do caso reto em 10 vídeos do Canal LubaTV de agosto de 2018

| <i>Pronome</i> | <i>Explícito</i> | | <i>Implícito</i> | | <i>Total</i> | |
|----------------|------------------|---------------|------------------|---------------|--------------|---------------|
| | <i>f</i> | <i>%</i> | <i>f</i> | <i>%</i> | <i>f</i> | <i>%</i> |
| Vós | 0 | 0,00 | 0 | 0,00 | 0 | 0,00 |
| Vocês | 43 | 93,47 | 23 | 100,00 | 66 | 95,65 |
| Cês | 3 | 6,53 | - | - | 3 | 4,35 |
| Total | 46 | 100,00 | 23 | 100,00 | 69 | 100,00 |

Fonte: Elaboração própria (2018)

Nesta tabela, observa-se ausência de emprego do pronome ‘vós’. O uso do pronome ‘vocês’ é categórico, embora varie entre sua formulação plena 95,65% ou sua formulação abreviada ‘cês’ 4,65%. Para ilustrar esses resultados, destacam-se alguns trechos:

Acho que vocês viram lá [...].
 Cês conseguem entender isso? Vocês conseguem entender?
 Vocês conseguiram internet, cês conseguiram.
 Então, toda essa área aqui que vocês estão vendo [...].

Os resultados comprovam a substituição do pronome ‘vós’ por ‘vocês’ no português do Brasil.

É um fato inquestionável que *vós* já desapareceu completamente do uso - tanto oral como escrito - no português do Brasil [...], independente de região, salvo nas mesmas gramáticas escolares, onde ainda se defende, e se impõe, o conhecimento e uso desta forma, de maneira artificial (MENON, 1995, p. 91-92).

A crítica apontada pela autora vem questionar o motivo pelo qual essas gramáticas insistem em não classificar os pronomes você(s) como segunda pessoa do discurso, visto que os falantes já incorporaram essa forma pronominal na sua fala. Para Orlandi (2004, p. 12), “as gramáticas tradicionais mais antigas e também algumas atuais não descrevem significativamente o português do Brasil. [...]. Palavras como *você*, *a gente*, que poderiam ser classificadas como pronomes, nem chegam a ser citados pelas gramáticas tradicionais”.

O que acontece que elas resistem em aceitar a evolução da língua, gerando assim um descompasso entre a fala e a escrita. Para Mattos e Silva (2013, p. 11) “[...] paradoxo que é constante nas línguas de grande difusão, como é o caso do português, mas que exige em qualquer língua histórica: a necessidade social de unificação, padronização, em face da realidade heterogênea”.

Autores como Cintra e Cunha (1985, p. 276), por exemplo, explicam o desaparecimento do uso do pronome ‘vós’, ressaltando que “Vós, com referência a uma só pessoa, normal como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico, emprega-se ainda, vez por outra, em linguagem literária de tom arcaizante para expressar distância, apreço social”. Todavia, no caso do *youtuber* Luba, isso seria supostamente impróprio para o público, visto que seu canal abrange conteúdos de entretenimento voltados para um público jovem.

Assim, observa-se que o uso desse pronome ficou reservado a textos que exigem uma postura mais respeitosa, como no âmbito religioso e jurídico, por exemplo. Segundo Teyssier (1982, p. 86, destaque do autor), “o português do Brasil simplificou, igualmente, o código de tratamento. Como em Portugal, o vós desapareceu [...]. Em circunstâncias normais, existem apenas duas fórmulas: o tratamento por **você**, que é familiar e o tratamento por **o senhor** que é mais reverente”.

Faraco (1991) ainda salienta que, quando o Brasil começou a ser colonizado, o ‘vós’ já estava em um processo avançado de arcaização, tornando-se completamente arcaico no século XVIII. Sendo assim, Menon (1995) acrescenta que desde o início da colonização a forma você(s) passou a ser a forma de tratamento íntimo em quase todo o país, fazendo parte do sistema pronominal da língua em uso.

Nesse sentido, percebe-se que o falante absorve as mudanças da língua naturalmente, sem se ter consciência da sua evolução. Segundo Borba (1998, p. 69), “a língua funciona independentemente de seu passado, mesmo porque os falantes, para usar o código, utilizam regras de natureza sincrônica (= que funcionam para aquele estado) sem precisar conhecer a história da língua”. Como já mencionado no início deste trabalho, a língua não é estática, ela sofre mudanças ao longo do tempo, nas quais nem sempre são percebidas pelos falantes que dela se servem. “Aliás é essa inconsciência histórica que permite à língua funcionar” (BORBA, 1998, p. 69).

3.2.3 Verbos no imperativo

Nesse sentido, para contribuir com essas análises, apresentar-se-ão os resultados no que se refere ao uso explícito e implícito de pronomes pessoais de segunda pessoa do caso reto em verbos conjugados no imperativo apresentado na sequência.

Tabela 4 – Frequência e o percentual de uso explícito e implícito de pronomes pessoais de segunda pessoa do caso reto em verbos conjugados no imperativo em 10 vídeos do Canal LubaTV de agosto de 2018

| <i>Pronome</i> | <i>Explícito</i> | | <i>Implícito</i> | | <i>Total</i> | |
|----------------|------------------|---------------|------------------|---------------|--------------|---------------|
| | <i>f</i> | <i>%</i> | <i>f</i> | <i>%</i> | <i>f</i> | <i>%</i> |
| Tu | 3 | 100,00 | 109 | 78,42 | 112 | 78,87 |
| Vós | 0 | 0,00 | 0 | 0,00 | 0 | 0,00 |
| Você | 0 | 0,00 | 9 | 6,47 | 9 | 6,34 |
| Vocês | 0 | 0,00 | 21 | 15,11 | 21 | 14,79 |
| Total | 3 | 100,00 | 139 | 100,00 | 142 | 100,00 |

Fonte: Elaboração própria (2018)

Segundo Cintra e Cunha (1985), a palavra ‘imperativo’ está ligada, pela sua origem, ao latim *imparare* “comandar”, e tem por intuito informar o interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. A gramática do português consigna duas conjugações para o modo imperativo: o imperativo afirmativo e o imperativo negativo.

O imperativo afirmativo possui formas próprias somente para as pessoas do singular (sujeito tu) e do plural (sujeito vós). As demais pessoas são expressas pelas formas correspondentes do presente do subjuntivo. O imperativo negativo não tem nenhuma forma própria. É integralmente suprido pelo presente do subjuntivo (CINTRA; CUNHA, 1985, p. 464-465).

Nesse contexto, observou-se que na fala do *youtuber* as construções imperativas estão em variação contabilizando um percentual de 78,87% em relação ao pronome ‘tu’ e 6,34% em relação à forma pronominal ‘você’. É importante destacar que o uso de uma ou outra variante verbal no modo imperativo são definidas especificamente por duas direções: ‘tu’ como

variante indicativa e ‘você’, como variante subjuntiva. Para exemplificar essa afirmação, destacam-se alguns enunciados produzidos pelo *youtuber* que contemplam essas variantes:

Agora tu faz um.
Acende a luz!
Contate coreografia Lufer.
Coloque as mãos na frente, proteja a sua cara.
Clique no primeiro link da descrição aqui embaixo.
Seja uma membrana você também!
Comenta aqui embaixo nos comentários!

Embora se verifique o registro dessas variantes na sua fala, o modo indicativo predominou na sua fala, provavelmente pelo fato de estar associado à frequência com que ele usa o pronome ‘tu’ como visto na tabela 2. Cabe reiterar que os falantes adquirem as variedades linguísticas da sua região. Por esse motivo, era esperado que na forma imperativa o *youtuber* também usasse o pronome ‘tu’, pois o falante tende a associar o verbo ao pronome que faz parte do seu uso. A respeito disso, Labov (2008) destaca que a linguagem reflete certos traços linguísticos que identificam os dialetos falados especificamente em uma ou em outra região.

Contudo, percebe-se que apesar de o pronome ‘tu’ ocorrer com mais frequência, as duas variantes (tu/você) encontram-se em competição nas suas produções orais. Alguns estudos como o de Scherre (2002), por exemplo, explicam que o uso alternado dos pronomes no imperativo, esteja relacionado a algumas dimensões, entre as quais, para este estudo, destaca-se a geográfica. Para tanto, Scherre (2002, p. 222) explica a ocorrência dessas alternâncias a partir de dois blocos:

- nas regiões: Sul, Sudeste e Centro-oeste, especificamente Brasília, Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro, cerca de 90% dos enunciados imperativos são expressos pelas formas associadas ao modo indicativo, sem correlação evidente com tu, em diálogos ou instruções dirigidas a uma só pessoa. Esses resultados permitem aos pesquisadores a projeção de que cerca de dois terços da população usam predominantemente o imperativo nesta variante, e, nas situações mais formais de expressão escrita não-dialógica, a forma subjuntiva, se juntarmos os dados de todas as regiões estudadas;
- na região Nordeste, representada por João Pessoa e Salvador, esse percentual cai para a representação de apenas 30% do uso da variante indicativa.

Bagno (2011, p. 567) acrescenta que

[...] é muito mais provável escutarmos um *diga, venha, corra, faça* na fala de um baiano, de um pernambucano ou de um paraibano do que as formas *diz, vem, corre, faz* (embora, como venho insistindo, elas também ocorram, já que a pesquisa linguística trabalha sempre com maior ou menor frequência e nunca com formas de uso absoluto e exclusivo.

Nesse contexto, ainda se observou que a forma singular favorece a ocorrência dessas alternâncias, ou seja, nas construções do *youtuber*, as formas verbais singulares foram empregadas tanto no modo indicativo, quanto na terceira pessoa (você). Sobre isso, Reis (2003, p. 31), comenta que “nenhum falante utiliza a língua da mesma forma em todas as ocasiões, o que implica a escolha em várias possibilidades de expressão”. Nesse caso o comportamento do *youtuber* de oscilar entre um modo e outro pode estar relacionado também aos tipos de verbos que ele utiliza, como por exemplo, os verbos “olhar, fazer, desculpar, deixar, adivinhar e comentar” aparecem na sua fala sempre no modo indicativo. Por outro lado alguns verbos como: “tentar, proteger, contatar e clicar”, são produzidos no modo subjuntivo.

No entanto, nos enunciados plurais, não ocorre o uso dessas formas alternativas. Conforme Scherre (2005, p. 121), “para o plural, exceto para eventuais casos de vós, não há escolha: só a forma subjuntiva assegura a leitura imperativa”.

Com o desaparecimento da antiga forma de plural vós no português brasileiro falado, o sistema imperativo plural também se reorganiza: a forma imperativa plural associada a vocês entra em cena, mas sem apresentar variação, valendo-se unicamente da forma associada ao modo subjuntivo (deixem/recebam/abram/dêem/digam/vão) (SCHERRE, 2007, p. 199).

Sobre isso, destacam-se que nas 21 ocorrências em que aparecem a forma imperativa plural associada ao pronome você, nenhuma delas apresentaram variação. Para demonstrar essa afirmação destacam-se alguns enunciados produzidos pelo *youtuber*:

Sejam bonzinhos comigo!
Baixem por aqui ok?
Aqui ó, essas coisas com as mãos, aprendam turma, não é talento.
Postem no youtube, pode ser no instagram, no twiter, pode ser em qualquer lugar.

Vale destacar que na forma plural do imperativo negativo, também registrou-se a ausência de variação nas produções, sendo associada sempre ao modo subjuntivo, dentre as quais destacam-se:

Não se esqueçam do jóinha.
Não façam isso nem brincando.
Não esqueçam de conferir o canal da Fê, o link tá aqui embaixo na descrição do vídeo.
Crianças, não tomem café.

Todavia, na forma singular, percebeu-se que em todas as ocorrências o falante conjuga o verbo, como se fosse imperativo afirmativo. Para ilustrar essa afirmação, apontam-se algumas delas:

Não deixa de baixar o aplicativo!
 Não fica triste.
 Não cai, não cai!

Retomando Reis (2003, p. 35):

A forma imperativa negativa ‘não canta’ teria se firmado como a forma mais recorrente no português brasileiro em decorrência de uma ‘sobrevivência histórica’ do imperativo antigo, em oposição a ‘não cante’, independentemente da motivação de outras dimensões constituintes da variação lingüística, tais como a geográfica e a social e da ‘crise das pessoas do discurso’ no nosso sistema pronominal, instaurada, segundo Faraco, a partir da alternância das formas pronominais tu e você. O que justificaria o predomínio de ‘não canta’, nesta perspectiva da especialização pragmática, é o resgate da forma ‘antiga’ da 2ª pessoa do imperativo, e não a extensão de uso da 3ª pessoa do presente do indicativo, defendida pelos estudos do português [...]. (destaque da autora).

Sobre isso, Faraco (1982) ainda explica que o fato de a segunda pessoa do singular do imperativo e a da terceira do singular do presente do indicativo, serem morfologicamente idênticas, justifica-se por uma homofonia historicamente criada como resultado da perda do –t final da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo latino (cantat/canta). Nesse caso a expressão ‘Não canta’, constitui-se de um imperativo antigo, o que justificaria o fato de ‘não cantes’ não prevalecer na língua falada.

Sendo assim, o comportamento do *youtuber* em conjugar o verbo no imperativo negativo como se fosse afirmativo não altera o valor semântico da sentença. À luz da sociolinguística, dizer “não faz” e “não faça” possuem o mesmo valor de verdade e, portanto, não prejudica o processo de comunicação.

Valendo-se dessas afirmações, cabe ainda destacar que se a língua é um aparato de comunicação, que possibilita a interação entre os seres humanos, é aceitável dizer que, em determinados contextos, seu uso exceda as fronteiras da normatização previstas nas gramáticas.

4 CONCLUSÕES

Neste trabalho, analisou-se o uso de segunda pessoa por falante tubaronense, elegendo como estudo de caso o *youtuber* Luba do canal LubaTV. O trabalho fundamentou-se em estudos de sociolinguística variacionista, entre os quais Labov (2008), Menon (2000), Loregian (1996), Mussalin e Bentes (2001) e Orlandi (2004).

Os dados foram coletados de dez vídeos publicados na plataforma *Youtube* no mês de agosto de 2018, totalizando 1h 58min 32s. Após os vídeos terem sido decupados, procedeu-se ao destaque dos casos de uso de segunda pessoa, incluindo processos de concordância verbal, gerando um conjunto de 3 tabelas.

Observou-se que o pronome ‘tu’ e a concordância com formas verbais próprias da terceira pessoa do singular prevalecem na fala do *youtuber* tubaronense em instancias singulares, apesar de competirem em algum grau com o pronome ‘você’ ou com formas alternativas de concordância como “tu foi”, “tu foste” ou “tu fosse”. Observou-se, além disso, que o uso do pronome ‘tu’ prevaleceu em situações informais, ou seja, quando o *youtuber* dirige-se à alguém de sua intimidade, mas não quando ele se dirige a seu público maior, quando prevalece o pronome ‘você’. Com relação ao plural, o uso do pronome de tratamento ‘vocês’ é categórico, corroborando a substituição do pronome ‘vós’ por ‘vocês’ no português do Brasil. No que se refere ao imperativo singular, observou-se o uso de formas verbais próprias do imperativo afirmativo de segunda pessoa em instâncias negativas, fenômeno esse ausente em instâncias de plural, onde o uso de ‘vocês’ é categórico.

Em linhas gerais, os resultados deste estudo de caso corroboram as conclusões produzidas pelo estudo de Orlandi (2004), sugerindo algumas pistas por onde avaliar tendências de variação e mudança linguística entre falantes jovens da mesorregião sul-catarinense.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Guilherme. **Breaktudo**. Disponível em: <<https://www.breaktudo.com/conheca-oluba-lucas-feuerschutte-youtuber-que-bomba-na-web/>>. Acesso em 28 set. 2018.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2001.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- _____; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 12. ed. São Paulo: Pontes, 1998.
- BURGEILE, Odete; LIMA, Danielle Constantino de. Uma perspectiva sociolinguística no estudo diacrônico da língua em matérias jornalísticas de Rondônia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 2., 2016, Rio de Janeiro. **CiFEFIL**, Rio de Janeiro, 2016. p. 69-89. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_04/005.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M.S. & NEVES, M. F. (orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- CABRAL, Marina da Silva. Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística. **UOX Revista Acadêmica de Letras-Português**, Florianópolis, n. 2, 2014/1. Disponível em: <http://www.petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto-_Sociolinguística_UFSC.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista Eletrônica de Linguística**, v. 4, n. 2, 2. Semestre, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/11618/6863>>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- CINTRA, Lindley; CUNHA Celso. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FARACO, Carlos Alberto. **The imperative sentence in portuguese**: a semantic and historical discussion, 1982. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Modern Languages University of Salford: Salford, USA.

_____. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991.

FARACO, Carlos Emilio; MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. São Paulo: Ática, 2000.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

JERSLEV, Anne. In the Time of the Microcelebrity: Celebification and the *Youtuber* Zoella. **International Journal of Communication**, v. 10, p. 5233–5251, 2016.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LOREGIAN, Loremi. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística. Florianópolis, 1996.

LUBATV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/LubaTV/about/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino de português**: a língua que se fala x a língua que se ensina. 8. Ed.- São Paulo: Contexto, 2013.

MENON, Odete Pereira da Silva. **O sistema pronominal do português do Brasil**. Artigo – Curso de Letras. Curitiba: UFPR, 1995.

_____. **Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil**: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. Artigo – Letras de Hoje. Porto Alegre, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Patrícia Schlickmann. **Usos e (des)usos da flexão verbal de 2ª pessoa do singular em textos orais de informantes de Tubarão (SC)**: um estudo de caso. 2004. 94 f.; Dissertação (mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.

REIS, M. S. dos. **Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo**: a dimensão estilística sob um olhar funcionalista. 2003. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. A norma do imperativo e o imperativo da norma: Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. A norma do imperativo e o imperativo da norma. **Linguística da norma**. BAGNO, M. (Org.). São Paulo, Loyola, 2002.

_____. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. **A sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa socio-linguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

WAGNER, Nalgis de Fátima. **Textos orais de informantes caboclos de Caçador (SC): variação diatópica e diastrática**. 2004. 81 f.; Dissertação (mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.